

## “CADA CIDADÃO VALIDO REPRESENTA UMA PARTE DA RIQUEZA DO ESTADO”:

### NOÇÕES DE BIOPOLÍTICA E OS SENTIDOS DA PROFILAXIA NA OBRA VARÍOLA E VACINAÇÃO, DE RODOLFO TEÓFILO

André Brayan Lima Correia\*

#### RESUMO

Este artigo tem por objetivo estabelecer alguns níveis de compreensão acerca das noções de biopolítica e profilaxia percebidas na obra “Varíola e Vacinação”, de Rodolfo Teófilo. Nesse sentido, buscamos inicialmente demonstrar o que se entende por biopolítica ancorados no pensamento de Michel Foucault e de outros teóricos que escreveram sobre esse conceito foucaultiano e como a ideia de profilaxia se insere nela. Por último, buscamos através da análise da obra compreender como o discurso de Rodolfo Teófilo se aproxima do caráter biopolítico, em face às cobranças que ele fazia ao Estado na perspectiva de que este levasse em conta as críticas apontadas por ele com relação à má gestão pública da saúde no Ceará.

**Palavras-chave:** Biopolítica; Profilaxia; Rodolfo Teófilo; Varíola.

#### ABSTRACT

This article aims to establish some levels of understanding about the notions of biopolitics and prophylaxis perceived in "Variola e Vacinação" of Rodolfo Teófilo. This sense, we seek to initially demonstrate what is meant by biopolitics anchored at the thought of Michel Foucault and other theorists who have written about this concept of Foucault and as the idea of prophylaxis falls on it. Finally, we seek through the analysis of the book understand how the discourse of Rodolfo Teofilo approaches the bio-political, in the face of charges that he made to the State with the expectation that this would take into account the criticisms mentioned by him in respect of bad public management health in Ceará.

**Keywords:** Biopolitics; prophylaxis; Rodolfo Teófilo; Smallpox.

---

\* Discente no Mestrado Acadêmico em História e Culturas (MAHIS) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). Integrante do Grupo de Pesquisa Práticas Urbanas (GPPUR), a partir do projeto: Capitalismo e Civilização nas cidades do Ceará (1860- 1930), no qual faz parte do eixo Práticas Letradas e Urbanidades, sob a orientação do Prof. Dr. Gleudson Passos Cardoso. Email: andre.brayan@hotmail.com.

## INTRODUÇÃO

A biopolítica, segundo Michel Foucault, foi um dos instrumentos que mudou a forma de governar, mas não só isso, ela transformou a forma como o governo enxergava a sua população, principalmente na Europa. A partir disso, pretendemos mostrar nosso entendimento do conceito de biopolítica e qual a sua relação com a ideia de profilaxia<sup>1</sup>. Pretendemos demonstrar a situação de Fortaleza no final do século XIX e início do XX, com relação à saúde e as práticas profiláticas para que possa ser possível entender em que contexto se insere o intelectual Rodolfo Teófilo e sua noção de biopolítica.

Por último, trabalharemos com a obra *Varíola e Vacinação* vol.01<sup>2</sup> do autor citado, pois acreditamos que nessa obra Rodolfo Teófilo expõe um discurso profilático e biopolítico através de suas cobranças e críticas ao governo cearense diante da ausência em geral de assistência e, principalmente, em relação a não vacinação contra a varíola.

Analisar essa obra é compreender o discurso desse autor em um contexto específico, pois anteriormente a sua experiência com a vacinação contra a varíola no final do século XIX, a crítica não é intensa com relação ao poder estadual, principalmente no aspecto sanitário.

Já após 1904, principalmente na obra *Varíola e Vacinação* Vol. 02<sup>3</sup>, o seu discurso se torna pessoal, pois ele utiliza a maior parte da obra para atacar e rebater as críticas feitas pelo governo aciolino a ele através do jornal “*A República*” e dos Relatórios do Inspetor de Higiene. Esse litígio iniciou justamente após a publicação do livro *Varíola e Vacinação* vol.01, na qual o Presidente do Estado Nogueira Acioli ficou insatisfeito com as críticas ao Estado cearense. Assim, objetivamos analisar o discurso profilático de Rodolfo Teófilo,

---

<sup>1</sup> O termo “**profilaxia**”, na medicina, é usado para designar um conjunto de medidas que visam à prevenção de doenças ou mesmo o ramo da medicina que estuda a prevenção das doenças. A palavra derivada do grego *prophylaxis* que significa “precaução” (...) Na medicina, onde seu uso é mais comum, o termo profilaxia denomina medidas diversas que incluem desde procedimento simples como lavar as mãos até mais complexos (vacinação) ou que inclui antibióticos e medicamentos, variando de acordo com a doença a se prevenir. Fonte: <http://www.infoescola.com/saude/profilaxia/>.

<sup>2</sup>TEÓFILO, Rodolfo. **Varíola e Vacinação no Ceará**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997 (Edição fac-símile).

<sup>3</sup>TEÓFILO, Rodolfo. **Varíola e Vacinação no Ceará**: nos anos de 1905 a 1909. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1910.

porém em um contexto no qual o autor não tinha a intenção de escrever para rebater críticas ou difamar a imagem de Nogueira Acioli<sup>4</sup>.

## A BIOPOLÍTICA E A PROFILAXIA

Segundo Kleber Prado Filho<sup>5</sup>, o biopoder nas obras de Michel Foucault, principalmente na obra *Nascimento da Biopolítica*<sup>6</sup>, trata da preocupação do Estado com a vida do indivíduo, posto que no período moderno, os soberanos não exerciam uma política de cuidados com a vida de sua população. Porém, com a modernização do Estado, pouco a pouco, a ideia de morte e de sangue da idade média irá mudar para uma valorização do corpo, da sexualidade e da vida.

Logo, depois de uma primeira tomada de poder sobre o corpo que se fez consoante o modo da individualização, temos uma segunda tomada de poder que, por sua vez, não é individualizante, mas que é massificante, se vocês quiserem, que se faz em direção não do homem-corpo, mas do homem-especie. Depois da anatomo-política do corpo humano, instaurada no decorrer do século XVIII, vemos aparecer, no fim do mesmo século, algo que já não é uma anatomo-política do corpo humano, mas que eu chamaria de uma "biopolítica" da espécie humana.<sup>7</sup>

Acerca do conceito de governamentalidade, Rone dos Santos<sup>8</sup> afirma que, para Foucault, com o surgimento do Estado Moderno, houve uma valorização do corpo, da necessidade de controlar o indivíduo em busca do corpo saudável. Porém, com a ascensão do modelo de biopolítica, os governos europeus vão perceber, pouco a pouco, que é mais oportuno estudar as necessidades da população e criar políticas para atendê-las, que somente vigiar e puni-las através do controle do corpo. Vale ressaltar que durante o século XIX, esses

<sup>4</sup> Para mais informações consultar: Rodolpho Theóphilo: o Outdoor Ambulante da Oposição. In: SOMBRA, Waldy. **A Guerra dos Panfletos: Maloqueiros versus Cafinfin**. Fortaleza: Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 1998.

<sup>5</sup> FILHO, Kleber Prado. **Michel Foucault: uma história da governamentalidade**. Rio de Janeiro: Insular e Achiamé, 2006.

<sup>6</sup> FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. Curso dado no College de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes. Coleção tópicos. 2008 B.

<sup>7</sup> FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976); tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 289.

<sup>8</sup> SANTOS, Rone Eleandro dos. **Genealogia da Governamentalidade em Michel Foucault**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. 2010. Dissertação de Mestrado.

dois modelos ainda vão coexistir, o que significa que um não foi abandonado em virtude do outro.

Com este novo desenvolvimento da noção de poder passou-se de um exame do poder disciplinar para uma analítica criteriosa do que Foucault chamou de biopolítica, um poder mais elaborado que toma sob sua responsabilidade o controle, gerenciamento e governo da vida humana.<sup>9</sup>

Em “Segurança, Território e População”<sup>10</sup>, Foucault nos mostra que essa biopolítica nada mais é do que o retorno da preocupação com o biológico humano, ou seja, a longevidade, a natalidade, as doenças e tudo que interfere na vida, pois através dos estudos científicos, os Estados irão perceber que a população não pode ser tratada de forma homogênea, e que cada grupo social, cada indivíduo possui uma vida diferenciada, com riscos e necessidades diferentes.

Dessa forma, percebemos que a biopolítica surge em um contexto de valorização, não só do corpo, mas da vida. Além disso, é no século XVIII que ocorre a ascensão das ciências, o que vai facilitar o estudo das populações para que o Estado saiba quais as melhores políticas para agir com aquela sociedade. Assim, podemos entender que a relação entre as ciências e a biopolítica trata:

(...) de um conjunto de processos como a proporção dos nascimentos e dos óbitos, a taxa de reprodução, a fecundidade de uma população, etc. São esses processos de natalidade, de mortalidade, de longevidade que, justamente na segunda metade do século XVIII, juntamente com uma porção de problemas econômicos e políticos (os quais não retorno agora), constituíram, acho eu, os primeiros objetos de saber e os primeiros alvos de controle dessa biopolítica. E nesse momento, em todo caso, que se lança mão da medição estatística desses fenômenos com as primeiras demografias. E a observação dos procedimentos, mais ou menos espontâneos, mais ou menos combinados, que eram efetivamente postos em execução na população no tocante a natalidade; em suma, se vocês preferirem, o mapeamento dos fenômenos de controle dos nascimentos tais como eram praticados no século XVIII.<sup>11</sup>

Dessa forma, observamos que o surgimento das ciências, como a estatística e a demografia, vão permitir o estudo das populações, e isso fará com que os Estados europeus, a partir da segunda metade do século XVIII, e principalmente no século XIX, invistam em

<sup>9</sup> Ibidem. p.12.

<sup>10</sup> FOUCAULT, Michel. **Segurança Território e População**. Curso dado no College de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes. Coleção tópicos. 2008 A.

<sup>11</sup> FOUCAULT, Michel. Op. cit. 1999. p.290.

novos campos que são: “(...) saúde, higiene, natalidade, longevidade, raças...”<sup>12</sup>. Desse modo, percebemos que lidar com biopolítica é cuidar da população, ou seja, o Estado teria que investir em saúde, para que possa contribuir com o aumento da natalidade e da longevidade.

O desenvolvimento a partir da segunda metade do século XVIII do que foi chamado *Medezinische Polizei*, *hygiene publique*, *social medicine*, deve ser inscrito no marco geral de uma "biopolítica": esta tende a tratar a "população" como um conjunto de seres vivos e coexistentes, que apresentam características biológicas e patológicas específicas. E essa própria "biopolítica" deve ser compreendida a partir de um tema desenvolvido desde o século XVII: a gestão das forças estatais<sup>13</sup>.

É a partir desse contexto que se inserem as reflexões acerca das doenças, pois segundo Foucault, as epidemias e endemias não poderão mais ser tratadas como fatalidades, ou tragédias inevitáveis: elas devem ser estudadas e combatidas:

Em suma, a doença como fenômeno de população e não mais como a morte que se abate brutalmente sobre a vida – e as epidemias não mais devem ser vistas como a morte permanente, que se introduz sorrateiramente na vida, que a corroí perpetuamente, a diminui e a enfraquece<sup>14</sup>.

Um fator importante na busca da saúde neste período vão ser as práticas profiláticas, essas vão ter o dever de prevenir e evitar as epidemias. No livro “Segurança, Território e População”, ao discorrer acerca da segurança, o autor mostra que na biopolítica a prevenção das doenças é uma peça fundamental para o Estado. No século XIX, o maior destaque será o surgimento da vacina contra a varíola que, segundo o próprio, irá mudar a forma de perceber a doença, já que antes ela era vista como uma questão reinante de um local, em um determinado período do ano. Porém após estudos das populações, (tomando o caso de Londres), a doença passou a ser:

A partir do momento em que, a propósito da varíola, passam a ser feitas as análises quantitativas de sucessos e insucessos, de fracassos e de êxitos, quando passam a calcular as diferentes eventualidades de morte ou de contaminação, então a doença não vai mais aparecer nessa relação maciça da doença reinante com o seu lugar, seu meio, ela vai aparecer como uma distribuição de casos numa população que será circunscrita no tempo ou no espaço. Aparecimento, por conseguinte, dessa noção de caso, que não é o caso individual, mas que é uma maneira de individualizar o fenômeno coletivo da doença, ou de coletivizar, mas no modo da quantificação, do

<sup>12</sup> FOUCAULT, Michel. Op. cit. 2008 B. P.431.

<sup>13</sup> FOUCAULT, Michel. Op. cit. 2008 A. p.494.

<sup>14</sup> FOUCAULT, Michel. Op. cit. 1999.p. 291.

racional e do identificável, de coletivizar os fenômenos, de integrar no interior de um campo coletivo os fenômenos individuais.<sup>15</sup>

Assim, é perceptível que um determinado grupo, uma determinada região, ou até mesmo um tipo de faixa etária, pode ser de maior ou menor risco para a propagação da doença. Isso permitirá que um governo atue, no sentido do conceito de biopolítica, combatendo de maneira mais racional os problemas da população. Em outras palavras: individualizar o problema, mas coletivizar a solução.

Percebemos, desse modo, que a partir do século XVIII, e principalmente no século XIX, o conceito de biopolítica vai direcionar os poderes constituídos no âmbito dos Estados europeus, que irão almejar a modernidade, tomando como base o crescimento científico produzido nesses países. Tais conhecimentos, guiados pelas noções de biopolítica, se tornarão cada vez mais instrumentos importantes no processo de governamentalidade que foram, de certo modo, exportados para outros continentes.

## A PROFILAXIA EM FORTALEZA NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX

Através de historiadores, como Raimundo Girão<sup>16</sup>, Sebastião Ponte<sup>17</sup> e Waldy Sombra<sup>18</sup> é possível compreender que a partir da segunda metade do século XIX, a capital cearense passou por uma série de remodelações urbanas que tentavam se inspirar-se no capitalismo civilizacional das grandes nações como: França, Inglaterra, Estados Unidos e etc. Esse processo irá se iniciar a partir de 1860, se acentuando com a proclamação da república.

Em fins do século XIX e início do século XX (1880-1926), Fortaleza recebeu vários serviços urbanos como o de transporte coletivo – bondes puxados a burro – caixas postais, além da instalação de cursos superiores de Direito, Farmácia, Odontologia, e Agronomia. Também nessa época é instalado o primeiro cinema da cidade (1907) e o Teatro José de Alencar (1910)<sup>19</sup>.

<sup>15</sup> FOUCAULT, Michel. Op. cit. 2008 A. p. 79.8

<sup>16</sup> GIRÃO, R. Geografia estética de Fortaleza. 2.ed. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1979.

<sup>17</sup> PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque: Reformas Urbanas e Controle Social (1860-1930)**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

<sup>18</sup> SOMBRA, Waldy. Op. cit. 1998.

<sup>19</sup> SILVA, José Borachiello da. **Quando os incomodados não se retiram: uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza**, Fortaleza: Multigraf Editora, 1992. p.27.

Concomitante a essas transformações, surgirão várias agremiações que irão debater esse contexto e desenvolver grupos de intelectuais no Ceará. Assim, surgiram organizações como:

Academia Francesa, fundada em 1871. (...) Chegaram a publicar o jornal maçônico *Fraternidade*. O grupo combatia, principalmente, os ideais católicos e pregava o progresso, a tecnologia e a ciência como fomentadores do desenvolvimento industrial e da civilização. (...) Em 1880, sob a direção de Thomaz Pompeu, João Lopes e J. Barcelos criou-se a folha política *Gazeta do Norte* (1880/1889). Posteriormente surgiu o jornal abolicionista *O Libertador* (1881/1889). Passado esse período, João Lopes assume sua coordenação e reúne nomes da intelectualidade cearense para contribuir em suas páginas. O jornal rapidamente se difundiu. O grupo fundou *O Clube Literário*, local onde se reuniam para debater suas ideias. Desse lugar, saiu a revista *A Quinzena* (1887/1888). Durante a presidência de Caio Prado, o grupo se desfez, rejeitando a ideia de cooptação política aos ideais do presidente. A liberdade de expressão deixava de assumir sua totalidade. Em 1887 foi fundado o Instituto Histórico e Geográfico do Ceará. Em 1892, surgiu a “Padaria Espiritual” que congregava intelectuais de várias partes do país ao redor da literatura. Seu jornal *O Pão* e tinha a função de alimentar o espírito dos membros e associados. Seguidamente se fundam o *Centro Literário* (1894) e a *Academia Cearense* (1894)<sup>20</sup>.

Como percebemos, esses grupos debatiam vários aspectos sociais, como: a república, a abolição e a própria intelectualidade. Georgina Gadelha<sup>21</sup> observa que, desde o início dessas transformações, o setor da saúde formado por médicos, farmacêuticos e dentistas atuavam nesses grupos de intelectuais que discutiam a cidade e o estado do Ceará como: Manuel Duarte Pimentel, Guilherme Studart, João Marinho de Andrade, Ruy Almeida Monte, Rodolfo Teófilo e entre outros. Ou seja, eles eram agentes sociais letrados, pois discutiam, mas também praticavam essa urbanidade letrada, através de suas atuações no Ceará.

Nesse sentido, entendemos que o setor da saúde se inseria diretamente no debate intelectual em torno das transformações que ocorriam na cidade de Fortaleza em busca da modernidade almejada. Percebemos que, por parte da população letrada, pululava o desejo de transformações inspiradas nos moldes das grandes civilizações, principalmente as europeias, bem como uma ação biopolítica do Estado. No entanto, os poderes cearenses constituídos marchavam em ritmo diferente.

<sup>20</sup> GADELHA, Georgina. **Sob o signo da distinção: formação e atuação da elite médica cearense** (1913-1948). Rio de Janeiro: Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa Oswaldo Cruz-Fiocruz, 2012. p. 76-77.

<sup>21</sup> GADELHA, Georgina da Silva. Op. Cit. 2012.

Para entender a trajetória da saúde pública no Ceará é preciso retroceder aos anos de 1836/1837, quando, por lei, o cargo de cirurgião-mor da província foi extinto e criado o cargo de médico da pobreza, que, segundo Georgina Gadelha<sup>22</sup>, tinha três obrigações básicas: residir na cidade, curar todos os pobres (inclusive presos) e visitar/vacinar todos os doentes, caso fosse necessário.

O cargo de médico da pobreza fora criado, a princípio, com uma intenção caritativa do governo cearense para atender os segmentos populares:

O governo entendia a contratação de médicos para atender a população como ação de caridade aos menos afortunados e restringia sua ação aos paliativos da cura, principalmente nos períodos das epidemias, não desenvolvendo ou projetando atividades a serem realizadas na prevenção e estudo das doenças.<sup>23</sup>

Podemos destacar a partir dessa citação que a criação desse cargo ou função não trazia em si uma intenção preventiva, ou melhor, ele não era, de modo algum, um dispositivo biopolítico. A existência do médico da pobreza evidenciava a pouca assistência dispensada aos menos favorecidos. Em síntese, os poderes constituídos não possibilitavam a assistência necessária para a vida dos indivíduos, o que caracteriza que desde o início dos debates sobre as transformações que Fortaleza em 1860 passava, não havia intenção do Estado cearense de implantar um modelo biopolítico que prevenisse as doenças, já que nesse período o modelo de médico da pobreza ainda era vigente.

Vale lembrar que ao longo desse século houve algumas evoluções, como: a obrigatoriedade dos médicos de mapear e enviar para administração estadual um rol das doenças bem como dos pacientes tratados por eles; o incentivo de alguns governantes na vacinação contra a varíola, dentre outros aspectos. Porém, é perceptível que a saúde estava longe de atingir um aspecto biopolítico, tal como evidenciado por Foucault<sup>24</sup> no tópico anterior. Então podemos afirmar que ao longo do século XIX o poder estadual não desenvolveu um aparato biopolítico para atender a necessidade da população, muito menos para investir na saúde da mesma, tornando esse setor precário devido à administração e as decisões que eram tomadas pelo o Estado. Resaltamos assim que com a falta de desenvolvimento, o Ceará passou por diversas epidemias que geraram graves prejuízos aos

<sup>22</sup> *Ibidem.*

<sup>23</sup> *Ibidem.* p. 67.

<sup>24</sup> FOUCAULT, Michel. *Op.cit.*. 2008 B.

cearenses e nos faz perceber porque Teófilo passou a discutir em suas obras, não apenas as epidemias, mas também a falta de ação do Estado.

Já no início do século XX, segundo o Almanaque do Ceará de 1911<sup>25</sup>, houve uma evolução no setor da saúde no Ceará, chegando este a possuir 123 profissionais atuantes, entre médicos, dentistas, farmacêuticos, prático dentista, prático farmacêutico, no qual 57 eram da capital e 66 eram do interior. Apesar dos médicos serem fundamentais no combate às doenças, os farmacêuticos também tiveram destaque, já que chegaram a representar cerca de 32% do total de profissionais atuando na saúde.

Porém, entre os anos de 1911 a 1920, houve uma pequena mudança no setor, pois se comparado ao ano 1911 que possuía 26 médicos atuando na capital, o ano de 1920 possuía 37 médicos, mas ocorreu um aumento de demanda, já que a população estava crescendo e o setor parecia não acompanhar tal crescimento.

Ou seja, apesar do pequeno aumento do aparato de saúde, principalmente no final do século XIX e início do XX (1889 a 1930), a atuação governamental não correspondia a necessidade da população, o que deixa um déficit no setor de atendimento a saúde.

Até o final do século XIX, a medicina no Ceará era incipiente e limitada, cabendo à Câmara Municipal a responsabilidade pela saúde pública. O *médico da pobreza* era o responsável imediato pela saúde da população e tinha as funções de fiscalizar, inspecionar e atuar na Clínica da Pobreza. “Tais serviços eram o que se podia denominar de Saúde Pública por todo o século XIX no Ceará e em Fortaleza” (LIMA, Z., 2007, p. 31). Os Distritos Sanitários e as Enfermarias Provisórias eram montados apenas nos períodos de epidemias. O auxílio, por parte do poder público, complementava-se através da distribuição de medicamentos à população doente<sup>26</sup>.

Ou seja, percebe-se que mesmo após a implantação da república, a precariedade da saúde pública era evidente, mostrando que o governo não possuía aparato preventivo para as doenças, o que justifica a crítica do farmacêutico Rodolfo Teófilo. É importante entender que as críticas do autor, como veremos no próximo tópico, não emergem de uma simples vontade de criticar o poder instituído estadual, mas de um contexto social, no qual o Estado cearense não apresentava desenvolvimento biopolítico na saúde, pois o mesmo não se preocupava em proteger a população, prevenindo as doenças.

Para melhor demonstrar esse contexto, podemos destacar que no final do século XIX existiam apenas dois lazaretos que tiveram longa duração (Jacarecanga e Lagoa Funda),

<sup>25</sup> GADELHA, Georgina da Silva. Op. Cit. 2012.

<sup>26</sup> *Ibidem*. p.143.

com a função de isolar doentes de epidemias, como varíola, febre amarela e cólera; e endemias como a lepra embora em pequeno número<sup>27</sup>. José Policarpo Barbosa avalia a situação e o tratamento oferecido nesses locais:

Os doentes ali recolhidos praticamente não tinham assistência médica. Geralmente, eram assistidos por um “enfermeiro prático” que tinha mais a função de vigiá-los do que mesmo de tratá-los. (...) Na realidade, o que chamavam de hospital [se referindo a Jacarecanga], não passava de uma casa de taipa coberta de palha, onde eram abandonados os doentes à própria sorte<sup>28</sup>.

Segundo o autor, os lazaretos, nada mais eram que locais nos quais os pacientes aguardavam a morte por falta de tratamento especializado, demonstrando assim a precariedade da saúde no estado, principalmente no final do século XIX. Ou seja, nem mesmo os órgãos responsáveis por combater as doenças conseguiam prestar uma assistência médica de qualidade a população. Demonstramos assim novamente o contexto que se insere a crítica de Rodolfo Teófilo.

Georgina Gadelha<sup>29</sup> avalia que durante a virada para o século XX, outras instituições de saúde já existentes passavam por grave déficit financeiro por falta de ajuda do Estado, como por exemplo a Santa Casa de Misericórdia e sua extensão, o Asilo dos alienados. Logo, podemos afirmar que ao longo do século XIX e XX, quando os principais debates sobre a modernização no Ceará estava ocorrendo, o governo estadual procurou pouco modernizar a saúde, fazendo que fossem recorrentes as epidemias no Estado.

Percebe-se que apesar do aumento do número de profissionais, o início do século XX não foi muito diferente do final do século XIX. Segundo o relatório do inspetor de higiene Dr. Rocha Lima percebemos claramente a falta de assistência pública do Ceará.

Ex.mo Snr. não basta que nos preocupes somente com a hygiene do Ceará abandonado como sempre foi debaixo do ponto de vista de que me occupo, não carece somente que se vele pela conservação da saúde de seus habitantes, precisa de mais, carece também de uma Assistência Pública. Cuidar dos doentes e dos desvalidos, cuidar da infância nos múltiplos aspectos por que pode preoccupar aos Governos, é acto que se está impondo de há muito e que merece a attenção de V. Exc.a. Serviço de Assistencia que se installe não somente aqui na Capital, mas que se estenda a todo o interior, onde servirá tanto quanto os cuidados hygienicos, onde

<sup>27</sup> Lepra: Atualmente denominada de hanseníase.

<sup>28</sup> BARBOSA, José Policarpo de Araújo. História da saúde pública do Ceará da Colônia a Vargas. Fortaleza: UFC, 1994. p. 47 – 48.

<sup>29</sup> GADELHA, Georgina da Silva. Op. Cit. 2012.

encontrará mais miséria e mais sofrimentos e a atender do que aqui, pela minguada de recursos, pelo maior abandono em que se vive.<sup>30</sup>

A citação acima nos revela que a saúde de fato se encontrava na “miséria”, pois o próprio inspetor de higiene procura revelar essa realidade, mostrando que tanto na capital, quanto no interior eram necessárias melhorias. Assim, o próprio discurso governamental cearense vai de encontro com a ideia de que o governo não investia em saúde de fato para a população

Tibério Campos Sales nos mostra que mesmo ao final da década de 1920, Fortaleza ainda passava por problemas contraditórios entre os discursos modernos e as práticas da administração estadual, pois não se percebia políticas públicas que cuidassem da higiene da população:

Apesar dos discursos e ações promovidas para embelezar e “modernizar” a cidade, constatamos uma série de reclamos apontados a displicência e até a irresponsabilidade das autoridades encarregadas em cuidar da higienização e conservação das vias públicas devidamente limpas. A despeito da extinção do serviço de pavimentação das ruas e a remodelação das sarjetas, meios-fios, e correção de calçadas nos anos 20, O Povo, em tom bastante incisivo, publica em 07/02/1928 uma matéria, aparentemente de um leitor, intitulada “Terra de Ninguém: mosquitos e sanguessugas”, afirmando a falta de atitude das autoridades municipais com o perigo a qual estavam submetidos os moradores de alguns bairros pela infestação de mosquitos, possíveis transmissores de doenças e perturbadores do sono das pessoas.<sup>31</sup>

Ou seja, mesmo após toda discussão sobre a remodelação urbana de Fortaleza desde o final de 1860, o governo, na sua prática, não moderniza esse setor, o que nos fez perceber, após todos esses exemplos, é que está claro que durante o início da república não houve de fato uma ação governamental que buscasse desenvolver uma saúde pública para a população, o que nos fez notar que existe um contexto de fato para Rodolfo Teófilo passar a discorrer sobre a falta de prevenção, voltada principalmente para a varíola.

Inferimos então que o contexto ocorrido no Ceará até o início do século XX, época da publicação da obra de Teófilo, o Estado cearense não conseguia atingir um padrão biopolítico no setor da saúde pública observado na Europa, em que as necessidades da

<sup>30</sup>Relatório do Inspetor de Higiene do Ceará de 1913. APUD: GADELHA, Georgina da Silva. Op. Cit. 2012. p. 145.

<sup>31</sup> SALES, Tibério Campos. Medicina, associativismo e repressão: O Centro Médico Cearense e a formação do campo profissional em Fortaleza (1928-1938). Fortaleza-CE; Dissertação de Mestrado em História pela UFC-CE, 2010. p.25.

população eram estudadas e consideradas possíveis de serem combatidas. Percebemos muito mais por parte da gestão governamental certa atuação após a instauração de uma epidemia, do que uma atitude profilática a fim de evitar a propagação das doenças.

Por isso, para compreender as críticas e o pensamento de Rodolfo Teófilo a seguir, é importante entender que esse contexto, que se almejava muitas transformações para o Ceará, inspiradas nos moldes europeus, mas na prática o governo estadual não conseguiu desenvolver a saúde para atender as necessidades da população, principalmente a prevenção contra epidemias, um dos principais fatores de mortalidade no Ceará deste período. Com isso, buscamos evidenciar a falta de assistência do Estado perante esse setor, que apesar de ter crescido, não acompanhava a necessidade da população.

Veremos a seguir que, apesar da ausência de práticas efetivas de ações biopolíticas, um profissional da área de saúde tomou essa responsabilidade para si. Este seria Rodolfo Teófilo.

## **RODOLFO TEÓFILO E A OBRA VARÍOLA E VACINAÇÃO: UM DISCURSO BIOPOLÍTICO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA PROFILAXIA**

Rodolfo Teófilo nasceu em 1853 e em 1877 se formou em Farmácia, na Bahia. Reconhecido literato da história cearense, esse farmacêutico possui 28 obras publicadas (uma póstuma) dentre as quais: *Violação* (1898), *A Fome* (1890) e *Libertação do Ceará* (1914). Por ser um praticante da cidade e um agente social também nas discussões concernentes ao Ceará e a Fortaleza, grande parte de sua produção livreira refletiu esta cidade, evidenciando seu pensamento e críticas, pois, como já dito anteriormente, ele teve uma forte atuação nos principais grupos letrados da capital cearense.

Inserindo-se ativamente no grupo de intelectuais pensadores, críticos, prosadores, poetas- no fim do século passado [XIX], participou de suas principais agremiações e ajudou a dinamizá-las com produções de reconhecido valor. Assim é que o vemos no **Clube Literário**, na **Padaria Espiritual no Centro Literário e na Academia Cearense de Letras**<sup>32</sup>.

<sup>32</sup> SOMBRA, Waldy. **Rodolfo Teófilo: o Varão Benemérito**. Fortaleza: Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 1999. p. 94.

Já com relação à promoção da saúde, Teófilo também desempenhou um importante papel no Ceará no final do século XIX, chegando a colaborar com mantimentos e medicamentos para os principais locais de assistência médica da capital. Além disso, fabricou seu próprio antídoto contra cobra cascavel e o forneceu gratuitamente para as câmaras do interior (SOMBRA, 1999).

Em 1901, após mais uma epidemia de varíola no Ceará, esse cientista/intelectual fabricou sua própria vacina para combater essa doença, pois não havia, por parte do governo cearense, nenhum tipo de ação para a criação de uma linfa vacínica, já que aquela vinda do Rio de Janeiro não surtira o efeito esperado.

Covencido de que nada podia o meu esforço no sentido de chamar a União ao cumprimento de seus deveres, e não querendo ser um inactivo deante dos soffrimentos de meus infelizes patrícios, tive a ideia, de regressar ao Ceará, levar-lhes um alívio a seus males, a vaccina anti-variolica. Sabia que a epidemia de bexiga, em Fortaleza augmentava, e para embarga-lhe, a marcha o governo não dispunha de meios<sup>33</sup>.

A partir dessa prática de vacinação, Rodolfo Teófilo escreveu o livro *Varíola e Vacinação* (1904) para narrar os fatos por ele vividos acerca da doença e da vacinação promovida por ele até 1904, ano de publicação da obra. A obra é dividida em duas partes. A primeira, denominada de “Varíola e Vacina no Ceará”, trata do final do século XIX, principalmente focando a epidemia de 1878 ocorrida no estado e por Teófilo vivenciada. Já a segunda parte, chamada “Vacina e Vacinação”, trata do processo de fabricação da vacina e a própria vacinação durante os anos de 1901 a 1904.

Uma das características dessa obra é a aflição narrada pelo autor perante a situação da população, principalmente os mais pobres, pois para Rodolfo Teófilo eles pouco recebiam qualquer amparo do governo cearense e eram os mais acometidos pelas doenças por causa de suas condições de vida. Vejamos

Na segunda quinzena de julho vaccinei 128 pessoas; mas continuava a mais completa abstenção da gente do povo, o que seriamente me preocupava por quanto sabia que se não conseguisse preservar da varíola a classe menos favorecida da fortuna em Fortaleza, não extinguiria a varíola na capital do Ceará<sup>34</sup>.

<sup>33</sup> TEÓFILO, Rodolfo. Op. Cit. 1997. p.70.

<sup>34</sup> *Ibidem*. p.105.

É importante salientar que, ao afirmarmos que esse intelectual mencionava com muita ênfase a população mais pobre não significa que ele tivesse um apreço a essa camada social, pois fica claro em sua escrita que sua maior preocupação é com o bem estar da população no seu conjunto. A menção a parcela mais pobre da população está sempre ligada ao fato desta ter menos condições financeiras e de esclarecimento para sobreviver nos padrões de higiene. Daí a necessidade de ser dada a ela maior atenção. Prova disso é a forma com que Teófilo os menciona no livro, principalmente no contato do ato de vacinar.

... cinco crianças, de oito anos abaixo, todas nuas e encardidas de sujo olhavam-me espantadas. O ar que se respirava ali, embora renovado a cada instante, tinha um fartum especial, lembrando uma mistura de sebo, suor de negro e sarro de cachimbo. Pelas pequenas rêdes, armadas umas quasi sobre as outras, podia se avaliar a porcaria do casebre. O sujo destas typoiias era tal que era impossível saber a cor primitiva do pano. Nunca, em minha vida, precisei de mais coragem e de mais paciencia. Coragem para prosequir naquelle trabalho que estava me parecendo superior às minhas forças; paciência para supportar as investidas e os deslates da ignorância<sup>35</sup>.

Ou seja, seu ideal biopolítico não envolvia favorecer e defender as classes pobres, mas buscar construir uma crítica a cerca da necessidade do Estado dá suporte a essa população menos favorecida, para que a profilaxia e a higiene pudessem ser melhores implantadas.

É importante caracterizar, ao falar desta obra, que ele também aborda a situação da população mais esclarecida, demonstrando também que muitos não eram vacinados e que alguns criavam resistência a sua vacina.

Vaccinando todos os habitantes do bairro do matadouro passei para o lado oposto ao Norte, começando pela extensa rua Santa Thereza, logo no dia 1 de setembro. A ahi estava melhor agasalhada e era de melhor costumes mas eram também infensa a vacinação. Era preciso despender muita finura para conseguir alguma cousa. O nosso povo é bastante inteligente se bem que muitíssimo ignorante<sup>36</sup>.

Ao começar o livro, Rodolfo Teófilo descreve a situação do Ceará na seca de 1878, comentando que o governo desse estado só se preocupava em salvar o povo da fome, porém não executava nenhuma medida preventiva contra a varíola. Além disso, conta que governo estadual até recebeu vacinas do Rio de Janeiro, porém elas não surtiam efeitos, provavelmente por causa do transporte, segundo o autor.

<sup>35</sup> Ibidem. p. 109.

<sup>36</sup> Ibidem. p.124.

Quando a epidemia começou, o Estado cearense até tentou criar medidas de combate, porém devido à falta de atuações profiláticas, sua ação não surtiu efeito e a doença passou a fazer mais vítimas.

O calor excessivo de 33 graus centígrados a sombra, nesse fatal Dezembro, aumentiu a intensidade da epidemia. O atordoamento era geral. A 10 do mez o cemitério da Lagoa Funda recebia *mil e quatro cadáveres!!* Essa assombrosa obituário, de um dia, encheu de pânico a quantos d'elle tiveram noticia.<sup>37</sup>

Rodolfo Teófilo mostra que a epidemia foi uma catástrofe, e que sua causa não era apenas a ação da natureza, mas também a falta de medidas profiláticas, pois a gestão não se preocupava em cuidar e gerir sua população, e sim apenas em combater as doenças, a partir do momento que a crise estava instaurada.

O governo havia contractado todos os médicos de Fortaleza, postos a disposição dos indigentes todas as, pharmarcias da cidade, mas todas estas providencias se annullavam em face da grandeza da epidemia. Os médicos cuidavam apenas, trabalhando noite e dia, dos quatro a cinco mil enfermos recolhidos aos lazaretos; os outros em numero mutissimo superior se acabavam no mais completo abandono.(...) Para dar mais carregados tons de tristeza, a cidade, à noite accendiam-se em todas as ruas vasos com alcatrão para que o fumo do pixe desinfectasse a atmospha viciada pelos micobrios da peste. Esta singular modo de desinfecção foi ordenado pela ingênua Camara Municipal, que pensava por este modo sanear a cidade. Os poderes públicos só podiam ter suffocado a epidemia se dispozessem de um instituto vacinogênico onde fosse preparada a vaccina animal. Assim em poucos dias seria vaccinada e revaccinada toda a população de Fortaleza.<sup>38</sup>

A partir da citação acima, percebemos no discurso de Teófilo traços fortemente biopolíticos, pois observamos que ele culpa o governo estadual pela epidemia, não só por não ter promovido a vacinação, mas por perceber que a gestão não sabia gerir a vida população, tomando medidas paliativas que não sanavam o problema. Com isso, seu texto trás um discurso que problematiza o espaço urbano de Fortaleza, propondo que a gestão estadual crie estratégias de controle social da saúde.

O autor evidencia, ao longo da primeira parte da obra, que a gestão não sabia que medidas abordar, pois segundo Teófilo, as frágeis atitudes administrativas não mudaram em nada a situação de Fortaleza, posto que a doença continuava a fazer vítimas. Vejamos algumas das medidas tomadas: retirou-se os abarracamentos de S. Luiz, Pajehú e Meirelles da

<sup>37</sup> Ibidem. p. 26.

<sup>38</sup> Ibidem. 1997. p.18-19.

cidade de Fortaleza; foi aumentado o número de coveiros para dar conta do crescimento dos mortos e carregadores para transportar os enfermos até unidades de atendimento. Nunca é demais lembrar que muitos trabalhavam embriagados devido às más condições, já que o trabalho era excessivo por causa da grande quantidade de corpos a serem transportados e enterrados. Porém, em defesa dos médicos que atuavam junto ao governo do Ceará, Teófilo faz a seguinte reflexão: “Assim, que medidas prophylaticas podiam apresentar os médicos, quando nem metade dos enfermos tinham um serviço hospitalar completo?”<sup>39</sup>

Para mostrar a intensidade da epidemia de varíola que ocorreu na década de 1870, ele utiliza os números do Lazareto de Aldeiota que durante o período de 23 de novembro a 31 de dezembro 1878, período no qual a doença foi mais intensa, foram curadas 416 pessoas e morreram 420. Ou seja, em um local onde havia assistência médica, o número de mortos foi superior aos curados, mostrando que se a mortalidade era maior nos locais em que os doentes eram socorridos, como seriam então onde não havia assistência médica e o número de doentes era ainda maior.

Rodolfo Teófilo finaliza a primeira parte da obra mostrando que, devido às chuvas de 1879, a doença findou-se, porém, mesmo com toda essa epidemia, o governo estadual continuava a ignorar a necessidade profilática da vacina, o que iria acarretar uma nova epidemia.

O governo e os particulares continuavam em sua criminoso indiferença a olhar para a permanência da varíola em Fortaleza. como um factor muito natural e sem importância. A população mais culta, menos fatalista, estava, pode-se dizer, em sua mór parte preservada pela vaccina. O povo, a plebe, estes absolutamente não era vaccinado, estava immune apenas o que havia tido a peste. De 1890 a 1900, em dez annos que nasceram no Ceará, pode-se afirmar, não foram vaccinados a excepção de uma ou outra creança, filha de gente educada e bem nascida. Os demais seriam victimados na primeira epidemia. O governo do Estado não cuidava dessas minudencias e nem se apercebia que toda a incúria, mormente em matéria de hygiene publica, é de terríveis consequências<sup>40</sup>.

Remetemos novamente ao conceito de biopolítica, de Michel Foucault, pois percebemos na escrita de Rodolfo Teófilo uma cobrança para que o governo estadual pare de tratar as epidemias como causas naturais, mas como Foucault mostra no primeiro tópico deste artigo. Ou seja, a escrita de Teófilo sempre busca alertar a necessidade de prevenir a doença e

<sup>39</sup> *Ibidem*. 1997. p.29.

<sup>40</sup> *Ibidem*. p. 49-50.

demonstrar que o gestão cearense esperava a crise se instaurar para combatê-la, já que o mesmo não procurava vacinar os cearenses, criando um ambiente propício ao surgimento de uma nova epidemia.

Foucault mostra ainda que a saúde está capturada num mecanismo maior que o do biopoder que tem por funcionamento integrar técnicas de dominação da vida através da gestão distributiva de forças sobre o corpo vivo. Dominação que se dá na forma de uma estatização da vida<sup>41</sup>.

Segundo Monica Roza, Foucault, ao dar sua visão do conceito de saúde, nos mostra o papel do Estado na implementação da mesma, no qual não é só o saber científico que vai atuar, é necessário um processo de estatização da vida. Assim age o conceito de biopolítica, pois, para Foucault, a atuação biopolítica do Estado ocorre quando o mesmo assume a responsabilidade de cuidar da vida da população através da prevenção e do combate às doenças, tratando assim elas como algo não natural e que seus danos podem ser amenizados.

Teófilo mostra que o Estado não assumia seu papel perante a saúde pública no combate a varíola. Até mesmo em 1900, quando Borges de Melo assume, mesmo sendo um dos médicos que atuou na varíola em 1878, nada fez quando estava no poder, segundo o autor, pelo contrario, piorou a situação na cidade.

Indiferentes eram os poderes públicos, indiferentes eram os particulares a sorte destes miseráveis. Que manifesto contraste havia em o proceder do governo de 1878 a 1900! Se aquelle pecoou foi pela prodigalidade com que distribuía o socorro às vitimas do flagelo; enquanto este quedou-se em sua inércia e deixou sómente entregues a caridade publica os famintos e os bexigosos [variolosos] que se mirravam de fome e apodreciam por todos os cantos da cidade. Abandonados completamente se viram os variolosos dentro de uma cidade com foros de civilisada. Todos fugiram delles até as associações de caridade<sup>42</sup>.

Assim, a primeira parte da obra que Rodolfo Teófilo tem o objetivo de não só narrar o flagelo social da varíola em Fortaleza, mas também de mostrar a falta de compromisso do governo cearense perante os cuidados, profilaxia e a vida da população.

<sup>41</sup> ROZA, Monica Maria Raphael da. **A Linha do Lado de Fora**. Um Ensaio atual sobre a Noção de Saúde da Anatomopolítica à Biopolítica. Rio de Janeiro: Tese de doutorado da Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde da FIOCRUZ. 2006. p. 29.

<sup>42</sup> TEÓFILO, Rodolfo. Op. Cit. 1997. p. 54.

Na segunda parte da obra, Teófilo inicia analisando a Fortaleza de 1900, mostrando que a varíola havia retornado e o governo estadual continuava a não dar a assistência necessária para o povo.

O ano [1900] tinha sido o mais secco de que havia memória, muito mais do que 1877, e os Poderes Públicos haviam completamente abandonado a população necessitada de socorro. Por todos os vapores recebia eu as mais desoladoras notícias: a fome e a variola estavam acabando com o Ceará<sup>43</sup>.

Vale lembrar que no tópico anterior citamos que o estado da saúde pública ao longo do final do século XIX e XX não havia atingido um caráter biopolítico no Ceará, por isso neste tópico o objetivo não é demonstrar a falta de assistência do Estado, mas analisar como o discurso de Rodolfo Teófilo se aproxima de um discurso de caráter biopolítico.

Apesar de em nenhum momento Rodolfo Teófilo citar o conceito de biopolítica, até porque, como vimos no primeiro tópico, ele foi formulado posteriormente a esse período por Michel Foucault, percebemos que na obra *Varíola e Vacinação* vol.01 o autor se aproxima da discussão do processo que ocorreu nesse período na Europa e Foucault denominou de biopolítica, prova disso é que esse farmacêutico dedica um capítulo a discutir como vários países europeus assumiram a responsabilidade perante a vacinação contra a varíola.

Foi incontestavelmente a Alemanha que melhor se aproveitou até hoje da maravilhosa descoberta de Jenner<sup>44</sup>. O governo deste grande país teve uma noção nítida e precisa do valor da vacina, como factor do progresso, engrandecimento de um povo, uma vez que cada cidadão valido representa uma parte da riqueza do Estado, e decretou a vacinação obrigatória<sup>45</sup>.

O autor discorre que a maior consequência dessa vacinação ocorreu durante a guerra Franco-prussiana em 1870, na qual a varíola se desenvolveu nos dois exércitos e matou 23 mil soldados franceses, sendo que no exercito alemão, somente 400 soldados foram diagnosticados com a doença.

A vacina era, desde muito tempo obrigatória no exercito, mas isso não era bastante para a prosperidade da Alemanha. Assim a 8 de abril de 1874 o poder legislativo promulgou esta sabia lei: São submettidas a vacinação ainti-variolica: Primeiro –

<sup>43</sup> Ibidem. 1997. p. 69.

<sup>44</sup> Edw. Jenner foi quem desenvolveu a vacina contra varíola em 1796 no condado de Gloucestershire na Inglaterra..

<sup>45</sup> TEÓFILO, Rodolfo. Op. Cit. 1997. p.81.

# HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

Todas as crianças antes do fim do primeiro anno, que se segue ao nascimento, a menos que não apresente attestado medico, certificando que tiveram variola; Segundo - Todos os alunos dos estabelecimentos escolares, públicos ou particulares, no anno em que atingirem a idade de 12 annos, salvo os que apresentarem attestado medico de que terem sido vaccinados com êxito nos cinco annos precedentes. Os effectos salutaes de tão sabia providencia foram notórios e manifestos. A variola desapareceu da Allemanha. Em 1900, naquella culta nação com uma população de 54 milhoes de habitantes, apenas morreram de variola dez pessoas! Em seu exército, em vinte e cinco annos, de 1874 a 1899, houve sómente um caso de variola e este mesmo em um individuo, que havia sido vaccinado diversas vezes sem resultado<sup>46</sup>.

Na citação acima, percebe-se o quanto Teófilo exalta o governo alemão por ter tomado a responsabilidade de vacinar, mas principalmente de intervir, obrigando a vacinação e extinguindo a variola. Esse tipo de intervenção é um exemplo do que Michel Foucault chama de atuação biopolítica do Estado. O segundo país “civilizado” a ser abordado, é a França, pois mesmo o autor considerando esse país a “vanguarda dos povos cultos”, eles demoraram a assumir uma postura de intervenção na vacinação. Foi preciso uma epidemia em 1901, na qual mais de duas mil pessoas adoeceram em Paris e 231 morreram, para que o governo passasse a obrigar a vacinação.

O governo enfim convenceu-se de que a variola não tinha mais rasão de fazer victimas em uma população, que não fosse de todo Barbara, e compenetrado desta grande verdade fez promulgar em 4 de fevereiro de 1902 a seguinte lei: A vaccinação anti-variolica é obrigatória no curso do primeiro anno da vida assim como a revaccinação no curso do undecimo e do vigésimo primeiro anno. Os Paes e tutores são pessoalmente obrigados a execução desta medida<sup>47</sup>.

Vemos novamente aqui Rodolfo Teófilo exaltando a necessidade da intervenção estadual contra a variola, pois, para ele, não bastava que o estado promovesse a vacinação, ele teria que torna-la obrigatória. E por último, ele discorre sobre a Inglaterra, criticando o fato de o Estado inglês ter cedido acerca do fim da vacinação obrigatória no país, evidenciando o que chamou de *consequência* deste ato.

Uma propaganda tenaz levantou-se contra o salutar preservativo e o resultado foi a celebre lei de 1898, em que o parlamento alterou o <Vaccination act> permitindo a isenção da vaccina ás crianças, cujo os pais ou tutores, affirmassem perante qualquer magistrado ter uma objecção de consciência, a tal preservativo. Este acto do parlamento inglez, accendendo aos caprichos mal entendidos de uma parte da

<sup>46</sup> Ibidem. p. 82-83.

<sup>47</sup> Ibidem. p. 84.

população de Londres, deu inteiro ganho de causa aos anti-vaccionistas e dahi em diante muito poucos se vaccinaram na oppulenta capital<sup>48</sup>.

Rodolfo Teófilo discorre ainda que entre 1898 a 1900, cerca de trezentas mil pessoas deixaram de ser vacinadas e em 1901 a epidemia explodiu na capital inglesa, fazendo dez mil vítimas e matando mil e quinhentas pessoas.

Em campo todo o zelo e actividade da optima polícia sanitária ingleza, estabelecido o mais perfeito isolamento para os variolosos, em prática as mais severes, medidas hygienicas, tudo isso não impediu que fossem atacados cerca de dez mil pessoas fallecendo mil e quinhetas. O governo despendey neste serviço sanitário, mais de quinhetas mil libras esterlinas. (...) Os institutos vaccinogenicos foram reabertos e uma sociedade – Liga imperial da vaccina - fundou-se em Londres, com o fim de divulgar, quando possivel, a vaccina. A lição pelo que parece, aproveitou ao povo inglez<sup>49</sup>.

A partir dos três exemplos acima percebemos o real posicionamento que Teófilo entendia ser obrigação do Estado: a intervenção através de leis que obriguem as pessoas a se vacinarem, pois ele advoga que essa é a única medida que pode acabar com a varíola, argumentando que a Inglaterra, mesmo com toda a prática sanitária, não conseguiu deter a proliferação da varíola. Além disso, por demonstrar um conhecimento sobre a situação de saúde desses países, podemos levantar a hipótese de que o autor teve acesso às discussões realizadas nos países que cita, acerca da saúde e da higiene da população controlados pelo governo, que posteriormente, Foucault irá denominar de biopolítica. O texto de Teófilo aqui analisado ilustra a ligação do discurso que profere com o desejo de inserção do estado cearense nas práticas entendidas como biopolíticas.

Rodolfo Teófilo ainda volta a mostrar seu discurso a favor da obrigatoriedade da vacina através do Estado no último capítulo e comenta sobre uma possível lei que estava para ser aprovada no Congresso Nacional que tornaria a vacinação obrigatória. Ele se apresenta completamente a favor e ainda crítica os anti-vacinistas, dizendo que isso é um atraso ao Brasil, já que essa vacinação já era aceita internacionalmente.

Por último, ressaltamos o grande tema desta obra de Rodolfo Teófilo, que é a vacinação da população. O autor demonstra que tomou para si a responsabilidade de fabricar a linfa anti-variólica e vacinar, já que os poderes constituídos não manifestavam interesse. Para

<sup>48</sup> Ibidem. p.84.

<sup>49</sup> Ibidem. p. 85-86.

isso, aprendeu na Bahia como fazer a vacina e após obter sucesso passou a vacinar as pessoas a partir de janeiro de 1901. Apesar de nenhuma ajuda ou subsídio do Estado, Rodolfo Teófilo passou a vacinar em sua casa e pouco tempo depois comprou um cavalo para que pudesse vacinar nos bairros pobres. Lá, segundo o autor, ele encontrou maior resistência, sendo necessário inventar histórias ou até mesmo subornar pessoas para que elas aceitassem ser vacinadas.<sup>50</sup>

O importante para este artigo é compreender o desejo de Rodolfo Teófilo por uma cidade livre da varíola especificamente e das doenças de modo geral. Como o governo cearense não tomava para si tal responsabilidade, ele achou necessário fazer por conta própria. E foi graças a essa vacinação, ainda na primeira década do século XX, que a varíola se encontrava praticamente foi extinta do território cearense. O próprio relatório do Presidente do Estado de 1915 reconheceu a importância da ação do farmacêutico.

Era de esperar, pois que moléstia epidêmicas se manifestassem logo. Até agora, porém, nenhuma foi constatada, nem mesmo a variola, graças ao benemérito cearense, senhor Rodolpho Theophilo que, a expensas suas, mantém um laboratório vaccinico em grande actividade e faz da vaccinação um verdadeiro apostolado<sup>51</sup>.

Com isso, a partir da obra *Varíola e Vacinação vol.01* podemos perceber tanto um discurso, quanto uma prática a favor do fim das epidemias de varíola, percebendo a atuação desse intelectual, que tomou para si a responsabilidade de vacinar que deveria ser do Estado. Assim, o autor busca na obra denunciar a falta de comprometimento da gestão cearense perante a varíola, apontado o seu principal erro que era a falta de prevenção, e demonstrando como consequência a epidemia que ocorreu no início do século XX. Logo, percebe-se no livro que o autor trás uma preocupação, assim como demonstrado por Foucault e debatido neste texto da necessidade do governo estadual interferir na vida da população, tomando assim o controle da sociedade como uma forma de exercer e garantir uma biopolítica que busque a prevenção da vida.

<sup>50</sup> *Ibidem.*

<sup>51</sup> Mensagem do Presidente do Estado do Ceará. 1915. p. 16.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões feitas ao longo destas páginas percebemos que Rodolfo Teófilo portava um discurso afinado com o debate europeu, que ocorreu entre as últimas décadas do XIX e primeiras do XX, debate este em que Michel Foucault pontuou o conceito de biopolítica. Teófilo critica o Estado cearense e a falta de medidas profiláticas contra a varíola que poderiam ter evitado a epidemia. Ele também mostra a dificuldade do governo cearense em pensar e tomar as atitudes necessárias para gerir esta população.

Com isso, podemos afirmar que esse intelectual, através de sua prática letrada livreira, problematizou o espaço urbano no campo biopolítico e se utilizou da obra mencionada com a intenção de difundir seus ideais, se mostrando, assim, um agente social. Além disso, percebemos que ele também atuou no campo da prática, tomando para si a responsabilidade de vacinar, responsabilidade que entendia ser do governo estadual.

Além disso, demonstramos aqui como Rodolfo Teófilo via e idealizada o papel do poder governamental cearense perante a vacinação pois, para ele, deveria haver uma intervenção estatal que tornasse a vacinação obrigatória para a população, assim como em alguns estados europeus.

Podemos concluir levantando a hipótese de que Rodolfo Teófilo, inspirado nos ideais europeus, tinha um discurso biopolítico em favor da profilaxia e da intervenção do Estado perante a vacinação obrigatória da varíola.